

# *A violência do discurso do mestre, em "Cinzas do norte": uma releitura materialista lacaniana*

The violence of the master's discourse, in "Ashes of the Amazon":  
a lacanian materialist new reading

*Marcia Geralda Almeida*

Universidade Estadual de Maringá

*Marisa Corrêa Silva*

Universidade Estadual de Maringá

**Resumo:** este estudo apresenta uma releitura do romance *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, sob o viés do Materialismo Lacaniano, e discute o conceito de discurso do mestre, desenvolvido pelo psicanalista francês Jacques Lacan, bem como os conceitos de violência Objetiva e violência Subjetiva, desenvolvidos pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho interpretativo, por meio do qual se objetiva evidenciar que, no romance *Cinzas do Norte*, é possível perceber o funcionamento do discurso do mestre nas relações de poder e dominação e como esse tipo de discurso funciona como uma forma de violência Subjetiva e Objetiva.

**Palavras-chave:** Discurso do mestre. Violência Objetiva. Violência Subjetiva. *Cinzas do Norte*. Materialismo Lacaniano.

**Abstract:** this study presents a new Reading of the novel *Cinzas do Norte* (*Ashes of the Amazon*), by Milton Hatoum under the light of Lacanian Materialism and discusses about the concept master's discours, developed by French psychoanalyst Jacques Lacan, as well as the concepts Objective violence and Subjective violence, developed by Slovenian philosopher Slavoj Žižek. It is an interpretative and bibliographic study, through which it aims to show that in the novel, it is possible to perceive the acting of the master's discourse, in power and domination relations, and to perceive how this type of discourse works as a form of subjective and objective violence.

**Key-words:** Master's discourse. Objective Violence. Subjective violence. *Cinzas do Norte*. Lacanian Materialism.

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

12

## Introdução

Este trabalho é um recorte da dissertação intitulada *Constituição subjetiva, em Cinzas do Norte: o discurso sob as lentes do materialismo lacaniano* (ALMEIDA, 2019) e apresenta uma releitura do romance *Cinzas do Norte*, sob o viés do Materialismo Lacaniano, uma corrente filosófica disseminada pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, baseada nos pressupostos do Materialismo Histórico de Karl Marx e na teoria psicanalítica do francês Jacques Lacan (SILVA, 2009). Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho interpretativo, cujo objetivo é realizar uma discussão, menos convencional, a respeito do tema violência, a partir de três conceitos principais: discurso do mestre, violência Objetiva e violência Subjetiva.

*Cinzas do Norte* (2005) é um romance do escritor manauara Milton Hatoum, que narra a estória (e decadência) da família Mattoso, ambientada na cidade de Manaus, entre as décadas de 1950 e 1980, um período marcado por mudanças políticas e econômicas no Brasil. O estudo compreende que o **discurso do mestre** funciona como uma forma de **violência Objetiva e Subjetiva**, no romance. Assim, para o desenvolvimento do trabalho, serão apresentados os conceitos de discurso do mestre, violência Objetiva e violência Subjetiva e, posteriormente, será realizada a releitura do romance *Cinzas do Norte*, evidenciando os exemplos de violência instaurada ou perpetuada pelo discurso do mestre.

## Pressupostos teóricos

A teoria dos discursos desenvolvida pelo psicanalista francês Jacques Lacan, no *Seminário XVII - O avesso da psicanálise*, propõe a existência de quatro tipos de discursos que organizam as relações sociais, a saber: **Discurso do mestre**, **Discurso universitário**, **Discurso histórico** (por vezes chamado Discurso da histórica), **Discurso do analista**.

De acordo com Lacan (1992, p. 11), a linguagem sustenta as relações humanas fundamentais, de maneira que [...] “mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas”. Dito de outro modo, os indivíduos interagem socialmente, por meio da linguagem, seja ela verbal ou não, e é a linguagem que sustenta essas relações sociais; porém, há alguns significantes produzidos na linguagem que

encerram significados que estão além da compreensão consciente do indivíduo. Lacan compreende os discursos como estruturas e, portanto, denomina essas estruturas de matemas e busca nas fórmulas algébricas uma maneira de explicar os conceitos psicanalíticos. Lacan utiliza o termo Matema para designar a estrutura algébrica, por meio da qual ele define e explica conceitos da psicanálise; matema é uma fórmula baseada no raciocínio matemático.

Conforme o pensamento de Jacques Lacan (1992), os discursos podem ser inscritos em um tipo de estrutura fixa, em que alguns elementos são mobilizados, de acordo com as relações sociais envolvidas no discurso. Assim, o psicanalista desenvolveu o seguinte matema, a fim de refletir acerca dos discursos nas relações intersociais.



**Figura 1.** Matema base do discurso lacaniano/ posições fixas

Fonte: Jacques Lacan (1992, p. 98)

Com base no matema exposto na anteriormente, o **desejo** é sempre o fator determinante para a concretização do discurso, pois sua posição é fixa, está sempre sobre a **verdade**, isto é, a verdade do desejo, e o adjunto adnominal de posse aqui indica que se trata daquilo que o **desejo** quer. Isso significa que o discurso serve sempre ao **desejo**, de maneira que interpela o **outro** para beneficiar a si mesmo, a fim de obter a **perda**, isto é, a perda de gozo.

No texto *Doze lições sobre Freud e Lacan*, Geraldino Alves Netto (2015) apresenta uma leitura do Seminário XVII, de Lacan, e explica os quatro tipos de discursos lacanianos e pontua que o discurso está relacionado com uma **verdade** sustentada por um **sujeito agente**, uma verdade que não é necessariamente a verdade dos demais sujeitos, porém o sujeito agente tenta convencê-los a aderir ao que ele concebe como verdade. Assim, para o psicólogo:

[...] “discurso é a organização da comunicação, principalmente a linguageira, específica das relações do sujeito aos significantes e ao objeto, que são determinantes para o indivíduo. Trata-se de uma formalização das diferentes possibilidades de se estabelecerem os laços sociais. É o lugar em que se evidencia que o

ser humano está assujeitado à linguagem, submetido aos efeitos do significante e incapaz de dizer toda sua verdade” (NETTO, 2015, p. 63)

Marcia  
Geralda  
Almeida  
  
Marisa  
Corrêa  
Silva

Netto (2015, p. 63) explica que a estrutura dos discursos lacanianos se constitui por quatro posições fixas, em que “o agente, embasado numa verdade, agirá sobre alguém para obter uma produção”. O **agente** corresponde ao **desejo** assim como a **produção** corresponde a **perda**, conforme o matema a seguir.

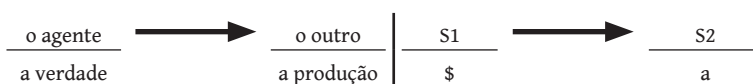


**Figura 2.** Matema/estrutura base dos discursos lacanianos

Fonte: Netto, 2015.

Embora as posições sejam fixas, existem quatro elementos que se alternam nessas posições, conforme o tipo de discurso, e essa alternância ocorre sempre em um quarto de giro, no sentido anti-horário. Os elementos são: **S1** - significante-mestre, que representa o sujeito para todos os outros significantes; **S2** - a cadeia de significantes; **a** - objeto a, ou objeto causa do desejo; e **\$** - o sujeito barrado (não-autônomo, determinado pelo significante que o barra), ou sujeito dividido.

### Discurso do mestre, violência objetiva e violência subjetiva



**Figura 3.** Matema base do discurso laciano e Matema do discurso do mestre

Fonte: Lacan (1992), Netto (2015), Fink (1998)

Conforme exposto acima, o matema do discurso do mestre representa a equação em que o significante-mestre (**S1**) ocupa o lugar do **agente**, o qual atua sobre o **outro** (**S2**), a fim de atingir uma **produção** que é o objeto **a**. Nessa equação, a posição da **verdade** é ocupada pelo **\$**, uma vez que se encontra barrado pelo significante-mestre (**S1**).

Geraldino Netto (2015) explica que o discurso do mestre consiste na imposição autoritária de uma verdade (inquestionável) baseada no conhecimento do mestre, que deve ser concebido como detentor de

toda autoridade e sabedoria. O discurso disseminado pelo mestre tem como base uma relação de poder e dominação e servilismo entre o mestre e seus servos, que não detêm o conhecimento. No artigo intitulado “Tradução, capitalismo, psicanálise”, Nils Skare (2013, p. 20) explica que, no discurso do mestre, o significante-mestre assume o papel do agente, e inscreve-se como [...] “um discurso que deve ser obedecido ‘porque sim’. Ele é arbitrário”.

A violência é uma das formas de o discurso do mestre afirmar o seu “porque sim”, aliás, a própria imposição arbitrária de uma verdade é uma forma de violência. A imposição arbitrária da autoridade inquestionável do mestre é entendida, por este estudo, como uma forma de violência Objetiva, conceito desenvolvido por um dos disseminadores da corrente filosófica Materialismo Lacaniano, o filósofo esloveno Slavoj Žižek. Conforme Silva (2009), apesar de partir dos pressupostos do Materialismo Histórico, Žižek defende o ponto de vista de que o marxismo é insuficiente para explicar todos os acontecimentos dentro da sociedade, de maneira que o filósofo se apropria de alguns pensamentos do psicanalista Jacques Lacan e propõe a teoria denominada Materialismo lacaniano. Entretanto, é preciso esclarecer que Žižek não discorda do marxismo, apenas encontra lacunas que precisam ser preenchidas. Na verdade, há mais aproximações do que distanciamentos entre as duas teorias

De acordo com Žižek há duas formas principais de violência, ou seja, a violência Subjetiva e a violência Objetiva. A violência Subjetiva é a mais visível e consiste nas agressões físicas, atos praticados por indivíduos malignos, uma “perturbação ao estado de coisas normal e pacífico” (ŽIŽEK, 2014, p. 18). Por outro lado, a violência Objetiva diz respeito a uma forma mais sutil de violência, menos perceptível para a maioria dos indivíduos, age por meio de formas “sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p. 24).

Žižek subdivide a violência Objetiva em dois tipos, a saber: violência objetiva sistêmica, que “não pode ser atribuída a indivíduos concretos e suas ‘más’ intenções, mas é puramente ‘objetiva’, sistêmica, anônima (ŽIŽEK, 2014, p. 26), uma vez que se trata das “consequências [...] do funcionamento homogêneo dos sistemas econômico e político” (ŽIŽEK 2010, p.10). O outro tipo é a violência Objetiva simbólica, que se relaciona com o ato de simbolização de algo, no âmbito da linguagem, pois “[...] ao simbolizar algo, a linguagem simplifica e reduz o objeto

Marcia  
Geraldina  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

16

simbolizado, definindo-o e forcluindo qualquer outra possibilidade de definição” (ALMEIDA; SILVA, 2016, p. 138); o termo forclusão significa estar fora da cadeia de significantes, ou seja, inexistente, pois diferente de algo que existia e foi excluído, o que é forcluindo nem sequer chegou a existir. Ademais, de acordo com Žižek, “Lacan condensou esse aspecto da linguagem no seu conceito de Significante-Mestre, que ‘acolchoa’ e sutura o campo simbólico [...] aquilo que Lacan indica com seu conceito de discurso do mestre [...] é que cada espaço de discurso concreto se funda em última instância numa imposição violenta de um Significante-Mestre” (ŽIŽEK, 2014, p. 60).

Conforme as palavras de Lacan (1992, p. 32), o discurso do mestre ou do senhor baseia-se no fato de que [...] “O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer, mesmo que este não saiba, o que é o caso mais comum, pois sem isto ele não seria um senhor. O escravo o sabe e é isto sua função de escravo”. Nesse mesmo sentido, Bruce Fink (1998) destaca que o mestre não tem verdadeiro acesso ao saber, uma vez que seu saber (ou sua verdade) é ilusório. Segundo Fink (1998, p. 161), o trabalho do escravo para o mestre resulta em um aprendizado, isto é, “ele vem encarnar o saber (saber entendido como algo produtivo) [...] O mestre não se preocupa com o saber: contanto que tudo funcione, contanto que seu poder seja mantido ou aumente”. De acordo com Silva (2009, p. 214), o discurso do mestre é “inautêntico e inconsistente”, na medida em que sua legitimidade está ancorada numa imposição arbitrária, isto é, uma verdade que deve ser aceita, apenas porque o mestre assim o quer.

Bruce Fink (1998, p. 161) destaca que o discurso do mestre “incorpora a função alienadora do significante ao qual estamos todos assujeitados” e, nesse aspecto, ele concorda com as palavras de Geraldino Netto (2015, p. 63), que afirma que o sujeito está “submetido aos efeitos do significante e incapaz de dizer toda sua verdade”. Entretanto, Geraldino está se referindo a toda cadeia de significantes e não apenas a um discurso específico como o discurso do mestre; isso quer dizer que, uma vez inserido na linguagem, o indivíduo jamais é totalmente livre, embora o discurso do mestre seja mais impositivo e alienante. O mesmo raciocínio é expresso por Fink (1998) ao afirmar que, apesar do discurso autoritário, o mestre que assume a posição de agente no discurso do mestre, também é assujeitado pela inserção na linguagem, conforme excerto a seguir.

[...]O mestre não pode mostrar nenhuma fraqueza e, consequentemente, oculta com cuidado o fato de que ele, como qualquer um é um ser da linguagem que sucumbiu à castração simbólica: a divisão entre o consciente e o inconsciente (\$) acarretada pelo significante é velada no discurso do mestre e aparece na posição de verdade: a verdade dissimulada (FINK, 1998, p. 161).

O que ocorre é que desde que se torna sujeito pela inserção na ordem simbólica e, consequentemente, na linguagem, todo indivíduo torna-se assujeitado, de modo que não é possível alcançar a subjetividade sem assujeitar-se (à linguagem). De acordo com o lacanianismo, tornar-se sujeito significa renunciar à própria liberdade e aceitar submeter-se à “camisa de força da linguagem” (FINK, 1998, p. 72).

Provavelmente, a intenção de Trajano ao proferir as palavras a seguir eram outras, mas esta releitura aventura-se a dizer que há uma espécie de *insight* nos dizeres do pai de Raimundo quando ele afirma: “Nem morto vou te deixar em paz’. [...] Ninguém te pôs nos eixos. Uma pessoa não pode ser totalmente livre, ninguém pode. O coronel Zanda vai dar um jeito” (HATOUM, 2005, p. 120-121). É provável que quando Trajano diz respeito à restrição da liberdade, ele esteja se referindo às amarras sociais e legais que incidem sobre o sujeito, porém o *insight* vai além disso, o sentido em suas palavras pode ser mais amplo, e evidenciar que existem amarras mais profundas.

A partir dos conceitos e considerações anteriores, esta releitura expõe os exemplos de violência Objetiva e violência Subjetiva relacionadas com o discurso do mestre, no romance *Cinzas do Norte*.

### **Estruturação do discurso do mestre, em *Cinzas do Norte*: reverberação da violência Objetiva sistêmica e simbólica como violência Subjetiva**

Tendo em vista o discurso do mestre, este estudo parte do personagem Trajano Mattoso que, conforme será evidenciado a seguir, é o único personagem que pode ocupar a posição de mestre, para desenvolver reflexões a respeito da violência exercida por ele e pelo sistema, bem como os reflexos dessa violência no romance; Trajano é filho de imigrantes portugueses, que chegaram ao Brasil no período da primeira grande guerra e estabeleceram-se, em Manaus, investindo na produção e exportação da Juta. Último descendente de uma das famílias mais ricas e

*A violência  
do discurso  
do mestre, em  
"Cinzas do  
norte"*

---

17

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

18

tradicionais da capital amazonense, Trajano tinha o desejo de continuar o legado do pai, por meio do herdeiro Raimundo Mattoso, mas também é um personagem preso ao passado, um passado cujos ideais o filho não compartilhava. De acordo com Olavo, Trajano afirma:

[...] “Não jogo nada fora”, disse Jano. “A vida do meu pai está arquivada aqui. Ele veio de Portugal sem um tostão no bolso. Só coragem e vontade de ser alguém. Um homem religioso que acreditava na civilização, no progresso.” [...] Na escrivania, a réplica do primeiro vapor da firma, o barco que inaugurava a linha para a Vila Amazônia. Falei para abrir as janelas, ele não me atendeu: o mofo e a poeira na papelada não o incomodavam (HATOUM, 2005, p. 35).

Conforme verifica-se no excerto anterior, Trajano é um homem conservador, cuja ideologia está fundamentada no sistema capitalista, de maneira que preza pela meritocracia, pela civilização e pelo progresso. O fato de atrelar religião e progresso pode indicar sua concepção capitalista, na medida em que associa com naturalidade a instituição religiosa com o progresso, o que remete à instituição religiosa enquanto mediadora entre povo e sistema econômico, isto é, a religião como aparelho ideológico. De certo modo, essa concepção está ligada à visão corrente no período colonial, uma vez que os portugueses atribuíam à igreja a tarefa de catequizar e ‘civilizar’ os índios, a fim de obter obediência.

De acordo com Bruce Fink (1998), o objetivo de Lacan ao propor a teoria dos quatro discursos é explicar as distinções presentes na estruturação dos diferentes tipos de discursos. Segundo Fink (1998, p. 160):

[...] Um discurso específico facilita determinadas coisas enquanto impede que se vejam outras. Os discursos, por outro lado, não são como chapéus que podem ser colocados e retirados à vontade. A mudança de discursos, em geral requer que determinadas condições sejam atendidas.

Isso significa que não é todo indivíduo que pode atuar como mestre, uma vez que essa postura discursiva envolve a detenção do significante-mestre e um certo grau de autoritarismo ou autoridade, o que não é uma característica unânime entre os sujeitos. Além disso, o



discurso do mestre é um dos discursos que se sustenta pela imposição, de modo que revela o que lhe convém, ao mesmo tempo que oculta o que não lhe favorece. Às vezes, o ato do mestre de ocultar o que potencialmente lhe seria prejudicial ou ameaçador não é consciente e pode justificar-se, perfeitamente, em razões socialmente aceitáveis, superficiais e naturalizadas.

No romance *Cinzas do Norte*, é possível verificar a coerência do pensamento de Bruce Fink (1998) sobre o fato de os discursos não serem ajustáveis a qualquer sujeito como chapéus. Aparentemente, dentre os personagens da narrativa, Trajano Mattoso é o único que pode assumir a função do mestre, na posição do **agente**, em virtude de sua postura autoritária e repressora, bem como por que Trajano é um representante da elite tradicional de Manaus, que é sustentado pelo significante-mestre. Talvez, o personagem Coronel Zanda também pudesse atuar como mestre na posição do agente, porém trata-se de um personagem secundário, sobre o qual se têm poucas informações.

Assim, é inviável pensar em Ranulfo ou Raimundo como mestres, pois além de não assumirem qualquer postura de autoridade, eles rejeitam o significante-mestre em busca de um novo significante, um novo saber. A produção e disseminação dos discursos está relacionada com o lugar de fala do sujeito, com sua personalidade e visão de mundo, sua condição socioeconômica e as relações sociais que mantém com outros sujeitos.

Apesar da aparente neutralidade da narração de Olavo, sempre que ele se refere a Trajano, cria-se uma imagem de um rei em seu trono, às vezes um rei decadente, mas ainda assim imponente. O excerto a seguir é apenas um dos que reproduzem essa imagem, o que não garante que Trajano sempre ocupará a posição privilegiada do **agente**, mas de certa forma, apesar de sua posição discursiva poder ser alterada, sua condição de mestre parece ser sempre reforçada pela narrativa.

[...] Falava com o dedo apontado para minha cabeça, como se o filho estivesse no meu lugar [...] O homem me oferecendo com a mão direita um envelope cheio de dinheiro, como se quisesse compartilhar comigo o fogo do inferno moral, que era só dele. Até os olhos amarelos de Fogo me acuavam. Senti-me diminuído, atordoado, perante aquele pai que não era o meu. Ainda lembro do murro que Jano deu na mesa, reação ao meu silêncio

*A violência  
do discurso  
do mestre, em  
"Cinzas do  
norte"*

---

19

ou a minha perplexidade. Lembro [...] da minha caminhada ansiosa à casinha da Vila da Ópera, da voz poderosa de um homem enfermo [...] (HATOUM, 2005, p. 36-37).

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

20

No trecho anterior, Trajano utiliza o argumento da condição financeira precária da família de Olavo e lhe oferece dinheiro, a fim de que ele convença Mundo a abandonar a arte para se tornar seu herdeiro esperado. A narração de Olavo constrói a imagem de Trajano como mestre autoritário, diante de quem ele se sente inferior e amedrontado, alguém cuja voz possui um poder. O excerto é bastante significativo para compreender a figura do mestre no discurso, mas evidencia também a violência Objetiva sistêmica inscrita na naturalização da ideia de comprar favores de indivíduos mais pobres.

Trajano sempre fora um pai austero para Mundo, mas dizia que queria salvá-lo, que arte não era atividade para homens; dizia não compreender a razão de tanta revolta, e o fato de Mundo desacatar os militares era inaceitável para Jano, sempre preocupado com a moral e sua reputação, diante de pessoas importantes da sociedade. Enquanto Alcília superprotegia o filho, Jano acreditava que poderia moldar seu herdeiro, por meio da força e da violência. Um desejo fadado ao fracasso, tanto pelo método violento quanto pelas visões de mundo cada vez mais opostas de ambos. O trecho a seguir é um exemplo tanto da violência Subjetiva, uma vez que Trajano agride fisicamente Raimundo, quanto violência Objetiva sistêmica. Entre outras possibilidades, a violência Objetiva sistêmica é perceptível quando Trajano desqualifica os artistas e a arte, o que desvela “o funcionamento homogêneo dos sistemas econômico e político”, conforme propõe Žižek (2010, p.10), na medida em que não atribui valor ao que não gera lucro e impõe esse ponto de vista como verdade absoluta.

“Tua opinião não vale nada,” disse Jano. “Não vou admitir... **Foste influenciado por aquele boa-vida, Arana. Tu e os artistas... uns inúteis.**”

Jano se aproximou do filho e berrou: “Nem morto vou te deixar em paz”.

Mundo riu na cara dele: riso nervoso, ferino.

“Ninguém te pôs nos eixos. Uma pessoa não pode ser totalmente livre, ninguém pode. O coronel Zanda vai dar um jeito.”

“Zanda? Grande vigarista. Esses teus amigos...”.

[...] A voz de Albino Palha se calou com o estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano.

[...] “Meu filho vai aprender...”, murmurou Jano, largando o cinturão (HATOUM, 2005, p. 119, 120, 121, grifo nosso).

A violência  
do discurso  
do mestre, em  
"Cinzas do  
norte"

Žižek (2010, 2014) afirma que a violência Objetiva é subjacente à violência Subjetiva, de modo que quando esta última vem à tona é porque a violência Objetiva está no limite, portanto, o fato de Trajano agredir Raimundo está relacionado com a agressividade dessa violência sistêmica, invisível, do sistema econômico e político que coloca os indivíduos uns contra os outros, para permanecer em funcionamento. Por isso, este estudo compreende que Trajano se insere na vida de Mundo como Mestre, cuja verdade não pode ser questionada, mas obedecida, já que para seu posicionamento conservador não há outra verdade aceitável; além do mais, Trajano simboliza a figura do mestre que não demonstra fraqueza, conforme destaca Bruce Fink (1998), e cujo discurso é sustentado ‘porque sim’ diante do sujeito clivado.

Por outro lado, Trajano também incorpora a figura do mestre que, estando assujeitado pela inserção na linguagem, pela castração simbólica, possui uma verdade dissimulada, pois nega a divisão do sujeito, muito embora Trajano tenha plena convicção de seu posicionamento. Assim, na estrutura do discurso lacaniano, Trajano ocupa o lugar do **agente** como **significante-mestre (S1)**, dirige-se à cadeia de significantes (**S2**), na posição do **outro**, ao mesmo tempo que recalca o sujeito dividido (**\$**), ou seja, o personagem Raimundo que ocupa o lugar da **verdade**, conforme o matema demonstrado na sequência do texto.



**Figura 4.** Estrutura do discurso do mestre e seu funcionamento em *Cinzas do Norte*, a partir de Trajano Mattoso

Fonte: produzido pelas autoras, com base em Lacan (1992), Fink (1998) e Netto (2015).

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

22

O fato de Raimundo ocupar o lugar da **verdade** como sujeito barrado (\$) implica três consequências possíveis: a) seu desejo por um novo saber, embora legítimo, está submetido ao significante-mestre e seu discurso rebaixado, ou nas palavras de Fink (1998, p.162), o “sujeito do inconsciente é produzido e logo excluído”; b) a possibilidade de que sua arte seja valorizada, nesse tipo de discurso, é praticamente nula, principalmente considerando o contexto da ditadura, uma vez que o mestre exerce um poder sobre o sujeito barrado; c) na posição de verdade recalcada, sob a barra, Raimundo não consegue revelar o que Trajano quer ocultar, isto é, apesar de condenar o enriquecimento do pai, por meio da exploração da força de trabalho manauara, essa visão permanece ignorada, enquanto Trajano justifica-se pelo significante-mestre, que é o discurso da meritocracia utilizado por Trajano.

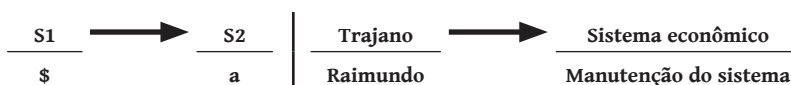
De acordo com o matema anterior, propõe-se que Trajano dirige-se ao **outro** ou à cadeia de significantes, ao mesmo tempo em que recalca a inquirição de Raimundo; a **produção** ou resultado é o **objeto a - causa do desejo**, que no caso de Trajano pode ser a realização do desejo de perpetuar seu sobrenome e sua história como o pai desejava, ou talvez, conseguir fazer de Raimundo seu herdeiro, pois esta seria a **verdade do desejo** de Trajano.

Contudo, o significante-mestre ou o saber do mestre parece falhar, porque sua verdade torna-se questionável para Raimundo. Assim, é possível que a falha no discurso do personagem Trajano, na condição de mestre autoritário e detentor da lei, esteja relacionada com o momento histórico da obra, isto é, com o fortalecimento do modelo econômico capitalista, com o aumento das relações econômicas internacionais e com o processo acelerado de desenvolvimento; talvez Trajano represente a figura do mestre cujo discurso foi substituído pelo discurso universitário, mais adequado às novas diretrizes econômicas do país e do mundo. Mesmo antes da morte de Trajano, o comércio da juta já encontrava problemas, de maneira que Trajano é um personagem que marca a transição para o acelerado processo de industrialização e decadência da produção agrícola; no dia da morte de Jano, a impressão de Olavo é a de que [...] “Parecia que toda uma época se deitara para sempre” (HATOUM, 2005, p. 199), e isso parece se confirmar com a modernização da cidade, que os personagens Olavo e Ramira chamam de destruição. Lavo diz que o coronel Zanda, “depois de ter destruído parte de Manaus e de sua história com a mania de modernização e reforma

urbana se reformara e morava no Rio”. Nesse trecho, o tom utilizado por Olavo é bastante irônico e demonstra o ponto de vista por trás da falsa neutralidade do narrador oficial, Olavo.

Conforme se verifica nas páginas 119 a 121 do romance (cujo excerto está reproduzido nas páginas anteriores), os encontros entre Raimundo e Trajano são sempre tensos, marcados pela violência Subjetiva, mas também é perceptível, nas palavras de ambos, o quanto eles têm convicção sobre seus pontos de vista. Trajano sofre porque Raimundo não se encaixa no mundo ao qual ele pertence, ao passo que o pai também não se enquadra no universo de Raimundo.

Ainda é possível considerar que a falha do discurso de Trajano, na condição de mestre, deve-se ao fato de Mundo inverter a equação do discurso, posicionando-se como histérico que questiona o saber do mestre, Raimundo propõe que há algo que o mestre não sabe e, por isso, precisa de outras respostas. Raimundo não se adequa à posição de servo que sabe o que o mestre quer e, por isso, o discurso não funciona; assim, o resultado dessa relação intersubjetiva é a revelação do personagem Trajano, não como dono do saber, mas como sujeito dividido (\$) conforme os demais personagens. De acordo com essa perspectiva de interpretação, Raimundo se nega a assumir a posição do **outro**, no discurso do mestre, e assume a posição de **agente** como sujeito barrado \$, ou seja, ele subverte a estrutura do discurso e coloca Trajano na posição do **outro**, a fim de destituí-lo da posição de mestre e expor o que Trajano quer ocultar, a exploração que sustenta sua riqueza. Segundo esse ponto de vista, os discursos dos dois personagens entram em confronto, de modo que há uma inversão dos elementos nas posições fixas do discurso lacaniano, conforme se evidencia nos matemas a seguir: no primeiro matema, Trajano está na posição do **agente**, mas é destituído dessa posição, que passa a ser ocupada pelo seu herdeiro.



**Figura 5.** Estrutura do discurso do Mestre em *Cinzas do Norte*: Trajano ocupa a posição do agente  
 Fonte: produzido pelas autoras, com base em Lacan (1992), Fink (1998) e Netto (2015).

Conforme disposições presentes na figura anterior, Trajano ocupa a posição do **agente** e interpela a cadeia de significantes **S2**, na posição do **outro**, entendido aqui como o **sistema econômico** que subsidia a riqueza

*A violência  
 do discurso  
 do mestre, em  
 "Cinzas do  
 norte"*

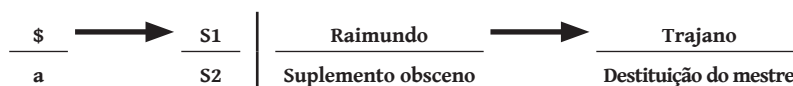
Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

24

do personagem; quando o discurso de Trajano tenta controlar a subjetividade de Raimundo, seu objetivo é manter o funcionamento desse sistema econômico que o favorece. Uma das atitudes que desvelam a manutenção do *status quo* é o apoio ao militar coronel Zanda, tão ferozmente defendido por Trajano, quando ele é insultado por Raimundo, mais tarde, Zanda seria o responsável por torturas e assassinatos no período ditatorial, inclusive quando Raimundo é enviado para o colégio militar.

Entretanto, o desenrolar do romance *Cinzas do Norte* evidencia que o personagem Trajano falha ao tentar controlar a subjetividade de Raimundo, de modo que este se volta contra o pai, por meio de um esforço histórico. Como é possível verificar na figura a seguir, a atitude revoltada de Raimundo permite dizer que ele assume a função de **agente** no seu discurso, ao mesmo tempo que relega a Trajano a posição do **outro**.



**Figura 16.** Estrutura do discurso histórico em *Cinzas do Norte*: Raimundo na posição de agente e a subversão da posição do mestre

Fonte: produzido pelas autoras, com base em Lacan (1992), Fink (1998) e Netto (2015).

Caso aceitasse a posição do **outro** na constituição do discurso do mestre, Raimundo teria que concordar com o ponto de vista de Trajano, mas em vez disso, o personagem recusa essa posição e confronta a opinião do pai, conforme se verifica no exemplo a seguir.

[...] “Mundo perdeu três anos, foi humilhado no Pedro II, expulso do Brasileiro. Agora vai enfrentar o internato aqui, perto do pai. Vai conviver com gente humilde, receber ordens de oficiais do Exército e respeitar os valores.”

“Receber ordens?”, repetiu Mundo, exaltado. Apontou o dedo para o pai: “**Tu podes dar ordem para o teu cachorro e para os teus empregados. Eu não recebo ordens**” (HATOUM, 2005, p. 119-120, grifo nosso).

Conforme se observa no exemplo, a recusa de Raimundo ao discurso de Trajano aparece tanto por meio do confronto as suas ordens quanto pela discordância do ponto de vista do pai, a respeito de diversas

questões, como o trabalho, por exemplo. Em certa ocasião, Raimundo observava índios que se alimentavam, sentados no chão de uma casa abandonada, e dissera para Olavo que se o pai visse tal cena diria que esses índios “eram preguiçosos e vagabundos” (HATOUM, 2005, p. 45). É preciso destacar que esta é uma questão cultural que está arraigada a visão corrente no mundo capitalista, baseado na circulação de capital.

Ademais, esse pequeno trecho do romance (ou a reflexão do personagem Raimundo) permite refletir a respeito das duas formas de violência Objetiva, ou seja, sistêmica e simbólica. Trata-se de violência sistêmica, pois a desqualificação da população indígena está pautada em um significante-mestre naturalizado pelo sistema capitalista, que responsabiliza os próprios índios pelas condições miseráveis as quais são submetidas, mas eclipsa o fato de que as riquezas estão acumuladas nas mãos de poucos fazendeiros como Trajano, que se valem desse argumento naturalizado para manter seu poder. Por outro lado, o trecho também significa violência objetiva simbólica, uma vez que se trata de uma ideia violenta inscrita na linguagem e não somente subjacente aos sistemas econômico e político. O fato de atribuir ao povo indígena a adjetivação “preguiçoso” e “vagabundo” revela a naturalização de uma ideia que serve apenas a manutenção do sistema capitalista, ao passo que nega a exploração e o genocídio desses povos.

De acordo com a tese de Vânia Costa (2011) essa visão acerca do trabalho é herança antiga, proveniente da colonização portuguesa, que tratou de promover, na região amazônica, um processo de civilização que se sobrepunha ao modo de vida, à cultura e aos conhecimentos indígenas. Para os colonizadores, a indiferença indígena em relação “à riqueza comercial da flora, da fauna e, principalmente, do subsolo, que provavelmente guardaria tesouros imensuráveis, parecia incompreensível” (COSTA, 2011, p. 35), de maneira que o desinteresse dos nativos pelo comércio e pelo trabalho era um obstáculo ao desenvolvimento.

Portanto, esse tipo de pensamento não é exclusivo do personagem Trajano, mas é uma concepção de mundo e de trabalho bastante comum, na Amazônia e na sociedade brasileira como um todo, pois é resultado do apagamento da cultura indígena, que é instaurado pelo etnocentrismo europeu; portanto o pensamento etnocêntrico europeu justifica a atividade econômica de Trajano, já que ele é dono dos meios de produção; enquanto os índios produziam apenas para consumo, o homem branco trouxe de Portugal a cultura do acúmulo de bens.

*A violência  
do discurso  
do mestre, em  
"Cinzas do  
norte"*

---

25

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

26

Slavoj Žižek (2003) chama de suplemento obsceno as regras que sustentam o sistema simbólico, mas estão postas fora de cena, como se não existissem; o que está oculto nesse sistema econômico e político é que a exploração é o suplemento obsceno do progresso e da riqueza, isto é, a exploração precisa existir, mas a necessidade da sua existência não é expressa abertamente, é sua “premissa secreta” e como tal deve permanecer para que o sistema funcione (ŽIŽEK, 2012, p. 59). A miséria e a desigualdade social são visíveis, mas são atribuídas a inúmeros fatores que não têm qualquer relação com esta forma de sociabilidade, fundada sobre a desigualdade e a contradição; uma sociedade em que situações de pobreza, desemprego, desigualdades sociais são justificadas, por meio de discursos meritocráticos que naturalizam as discrepâncias em relação à divisão de bens e ao valor da força de trabalho. Em virtude dessa violência arraigada aos sistemas político e econômico, de tempos em tempos surgem as manifestações de violência Subjetiva.

Em *Cinzas do Norte*, essa questão é perceptível, na medida em que o desenvolvimento econômico de Manaus é atribuído aos esforços da tradicional família Mattoso (dona dos meios de produção), à administração do Coronel Zanda, quando na verdade, a força de trabalho dos índios, caboclos e imigrantes foi usada como mão de obra barata para alavancar o comércio da Juta. E isso é tão naturalizado que chega a passar despercebido.

No trecho seguinte, o personagem Ranulfo evidencia a exploração da força de trabalho, além de apontar as péssimas condições de trabalho, às quais eram sujeitados os funcionários da Vila Amazônia: “[...] na época do corte da juta tinha acidente todo dia. Trabalhadores... Diz que cortavam a juta dentro d’água e eram mordidos por todo tipo de bicho. Chegavam na propriedade com ferimentos nos pés, nas mãos e nas pernas” (HATOUM, 2005, p. 58). A naturalização da exploração e da miséria também pode ser verificada no excerto referente ao bairro Novo Eldorado, construído de forma precária, pelo Coronel Zanda com o apoio de Trajano. Raimundo odiava o bairro, que trazia no nome a utopia de um paraíso jamais concretizado.

Visitara as casinhas inacabadas do Novo Eldorado, andara pelas ruas enlameadas. Casinhas sem fossa, um fedor medonho. Os moradores reclamavam: tinham que pagar para morar mal,



longe do centro, longe de tudo... Queriam voltar para perto do rio [...] Os moradores do Novo Eldorado eram prisioneiros em sua própria cidade (HATOUM, 2005, p. 148).

Os machucados e as condições desumanas de trabalho eram retribuídos com as sobras e os trabalhadores aceitavam submissos, enquanto os patrões pensavam estar fazendo atos de caridade ao promover moradia para os trabalhadores que garantiam sua riqueza. E o pior, moradia ruim, em condições sub-humanas. Uma das moradoras diz que o “patrão era bom” por que dava “comida, roupa, remédio” (HATOUM, 2005, p. 72).

Tanto a exploração como a desvalorização da força de trabalho dos índios e caboclos, as condições desumanas de trabalho e a miséria em que vivem podem ser concebidas como exemplos de violência objetiva sistêmica, causada por um agente invisível e anônimo, e mantida pelo suplemento obsceno ou pelo que Žižek denomina como premissas secretas. Žižek (2003, p. 50) usa o termo premissas secretas para referir-se a um “conjunto subjacente de regras obscenas não escritas”, ou seja, regras que não estão explícitas, mas regem a sociedade. Segundo o filósofo há leis simbólicas que existem para manter as aparências, isto é, um conjunto de normas que o indivíduo deve obedecer no discurso público, ao passo que as premissas secretas permitem a transgressão dessas leis, sem declarar essa permissividade, é claro, pois para Žižek (2010, p. 104) “[...] A própria lei necessita de seu suplemento obsceno, é sustentada por ele”.

Novamente, ocorre um embate entre Raimundo e o pai, e esse confronto é, não só, uma maneira de Raimundo subverter o discurso incoerente e inconsistente do mestre Trajano, mas também uma forma de descortinar a violência objetiva sistêmica, exposta por Raimundo quando ele tenta desnaturalizar a exploração dos povos ribeirinhos da Vila Amazônia.

[...] Quando Jano voltou, foi logo dizendo ao filho: “Estás vendo? O Macau encheu o iate de alimento e ainda ganhou uns fardos de malva. Tudo isso por umas caixinhas de ninharias. Vai aprendendo...”.

“Aprendendo a enganar?”, perguntou Mundo.

“A trabalhar”, emendou Jano. “Foi isso que o Macau fez”.

Mundo murmurou para mim: “Pensa que sou um idiota. Ele é que é louco, duas vezes doente” (HATOUM, 2005, p. 63-64).

*A violência  
do discurso  
do mestre, em  
"Cinzas do  
norte"*

---

27

Marcia  
Geralda  
Almeida

Marisa  
Corrêa  
Silva

---

28

A partir do excerto anterior, compreende-se que Trajano, na condição de Mestre, precisa reafirmar esse significante-mestre, no que se refere à concepção de trabalho, ou à definição de um bom negociador, a fim de manter sua posição. Trajano tem plena convicção de seu ponto de vista (e precisa ter), porque sempre fora assim, de maneira que o modelo de transação comercial descrito pelo trecho do romance é naturalizado. Contudo, Raimundo expõe um ponto de vista contrário ao de Trajano, tendo em vista que Macau negocia com os caboclos e obtém vantagem de pessoas que vivem na miséria, e isso incomoda o protagonista de *Cinzas do Norte*; para Trajano, a prática de Macau é mera negociação comercial, mas para Mundo é exploração e, por isso, ele não aceita essa situação com naturalidade. Assim, o personagem Raimundo, não apenas nesse excerto, mas em toda sua trajetória, demonstra uma tentativa de deslegitimar o discurso colonialista europeu, que se construiu sobre o esquecimento e desvalorização da população indígena, que vivia na região da Amazônia, muito antes da chegada dos europeus.

No trecho anterior, Raimundo questiona as convicções de Trajano verbalmente, mas no excerto a seguir, o confronto entre os dois personagens marca a inversão das posições discursivas, bem como o enfraquecimento de Trajano, cuja doença já está avançada. Nos outros encontros entre Raimundo e Trajano, o rapaz fora atacado com violência pelo pai, porém neste excerto Raimundo é quem agride Trajano, em um momento claro de explosão da violência Subjetiva.

[...] O portão da casa de Jano estava aberto, passei sob o caramanchão, e na varanda ouvi gritos e latidos. Quando entrei na sala, vi primeiro Mundo dizendo para o pai: “Por que não tiras o cinturão agora? Por que não me trancas no porão?”.

**Em pé, as mãos espalmadas no peito, Jano começou a recuar quando o filho avançou para cima dele. Corri, mas, antes que eu pudesse segurar Mundo pela cintura, ele cravou as mãos na camisa do pai e o empurrou com violência.**

“Sai daqui, Lavo, nossa conversa ainda não acabou”, gritou ele, querendo atingir o homem caído.

Agarrei-o pelos braços, os olhos furiosos me encararam, pensei que ia me agredir. Não parou de gritar: “Ele não é homem para minha mãe [...]” (HATOUM, 2005, p. 198, grifo nosso).

## Considerações Finais

Percebe-se então que a estruturação do discurso entre Raimundo e o pai é marcada por desencontros e divergências que não os permitem obter o resultado desejado, uma vez que suas **verdades** (a verdade que compõe a estrutura do discurso lacaniano) não fazem sentido/ou não têm consistência para o **outro** que é interpelado. O personagem Trajano Mattoso se insere na narrativa como mestre que impõe a verdade do seu desejo, a fim de manter seu poder.

Este estudo permitiu evidenciar as duas formas de violência discutidas por Žižek, porém verificou-se que a violência Objetiva é mais frequente que a violência Subjetiva, embora aquela seja menos visível. Assim, nesta releitura, a violência Subjetiva aparece sempre nos confrontos entre Trajano e Raimundo, ao passo que a violência Objetiva perpassa todo discurso de Trajano, as vezes simbolizada pela linguagem, outras vezes velada nas premissas ocultas dos sistemas político e econômico.

Portanto, há uma relação entre o discurso do mestre e as formas de violência, uma vez que o discurso do mestre se legitima e mantém o *status quo*, por meio de imposições violentas.

*A violência do discurso do mestre, em "Cinzas do norte"*

---

29

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcia G. SILVA, Marisa C. **Vidas Secas**: a violência simbólica de Slavoj Žižek na linguagem concisa de Graciliano Ramos. In: Anais do 27ª FALE – Fórum Acadêmico de Letras. Marechal Candido Rondon: Unioeste, junho/2016, p 137-140.

ALMEIDA, Marcia G. **Constituição subjetiva em Cinzas do Norte**: o discurso sob as lentes do Materialismo Lacaniano. 126 fl. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR, 2019.

COSTA, Vânia M. T. **‘À sombra da floresta’**: os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo. 2011. Tese (Doutorado Comunicação e Mediação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social. Niterói, 2011.

Marcia  
Geralda  
Almeida  
  
Marisa  
Corrêa  
Silva

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17**: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

NETTO, Geraldino A. F. **Doze lições sobre Freud e Lacan**. 4ª edição. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2015.

---

30

SILVA, Marisa C. Materialismo Lacaniano. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia O. (Org.). **Teoria Literária**: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 211-216.

SKARE, Nils G. Tradução, Capitalismo, Psicanálise. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n. 31, p. 15-33, -2013/1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2013v1n31p15>. Acesso em: maio 2018.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003. E-book. Disponível em: [www.livrosdehumanas.org](http://www.livrosdehumanas.org) Acesso em: mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **O ano em que sonhamos perigosamente**. São Paulo: Boitempo, 2012.

\_\_\_\_\_. **Sobre la Violencia**. Seis reflexiones marginales. Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. **Violência**: Seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.